

ENTRELAÇAMENTO OU DISTANCIAMENTO DA FÉ, RELIGIÃO E “RELIGIOSIDADES”: UMA ABORDAGEM A PARTIR DO TEÓLOGO LIBANIO*

**Interlacing or distance of faith, religion and “religiousness”:
an approach from the theologian Libanio**

Jorge Luiz Gray Gomes**

Resumo

Este artigo visa refletir sobre a fé, a religião e as “religiosidades” como aproximação (entrelaçamento) ou distanciamento entre os tais conceitos, com o acréscimo do mundo simbólico, a partir do livro de João Batista Libanio: *A Religião no Início do Milênio*.

Palavras Chaves: Fé; religião; “religiosidades”; simbolismo.

Abstract

This article aims to reflect about faith, religion and “religiousness” as an interlacing or distance between these concepts with the additional reflection about the symbolic world from the book of Brazilian

* Artigo recebido em 06/12/2012 e aprovado para publicação em 20/05/2013.

** Jorge é doutorando em Teologia pela FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Tendências Éticas Atuais – bolsista da FAPEMIG). E-mail: jorgegray@ig.com.br

theologian João Batista Libanio, which the translated title is Religion at the Beginning of the Millennium.

Key Words: Faith; religion; "religiousness"; symbolism.

1. Introdução

Este artigo postula refletir sobre o livro de João Batista Libanio, mais especificamente sobre os conceitos de fé, religião e "religiosidades" presentes no mundo de hoje. O artigo foi dividido em três partes, a saber: esta introdução a apresentar o questão; uma incursão no mundo do simbolismo; e as considerações finais em que se levanta a possibilidade do entrelaçamento ou distanciamento das práticas de fé, religião e "religiosidades".

Como arcabouço teórico, recorreremos aos textos: de João Batista Libânio (*A Religião do Início do Milênio*, 2002a e o seu artigo *O paradoxo do fenômeno religioso (Perspectiva Teológica*, Jan.-Abr. 2002b); de Denis Lecompte (*Do ateísmo ao retorno da religião. Sempre Deus?*, 2000); de Anthony Albert Fischer D'Andrea (*O self perfeito e a nova era. Individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais*, 2000); de Mircea Eliade (*Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*; 1991, *O mito do eterno retorno*, 1992; e o *Tratado de historia de las religiones*, 2007); e de Otto (*O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*, 2007).

Sobre os conceitos de fé, religião e "religiosidades" muitas coisas já se falaram e ainda vão ser faladas, pois é uma realidade que atinge bilhões da população mundial, visto que há (segundo o site pt.wikipedia.org/wiki/Religião) nas quatro maiores religiões do mundo de um total de 6,8 bilhões da população mundial, *4,65 bilhões se dizem pertencer a estas religiões*, sendo o Budismo

entre 500 milhões e 1.5 bilhão de adeptos, o Cristianismo entre 1,9 bilhão e 2,1 bilhões (Católicos, mais ou menos, 1,2 bilhão; Ortodoxos, mais ou menos, 200 milhões; e Evangélicos, mais ou menos, 500 milhões), o Hinduísmo entre 950 milhões e 1 bilhão, o Islamismo entre 1,3 bilhão e 1,57 bilhão, perfazendo um total entre 68,38% e 90,73% de adeptos declarados. É claro que são pesquisas que não nos dão uma exatidão de pessoas ligadas realmente a estas religiões, mas que nos servem para olharmos com mais crítica para as práticas religiosas.

Para M. Bellet: "O retorno do religioso poderia bem ser uma ameaça mais grave que o velho ateísmo" (LIBANIO, 2002a, p. 45). D'Andrea (2000, p. 37) nos fala que no "(...) no Canadá, onde a imigração tem padrões e incidências distintas das dos Estados Unidos, a população dos 'sem religião' quase que dobrou, de 17% em 1971 para mais de 27% em 1981 (Mills, 1994)".

São oscilações entre os que se dizem adeptos de alguma religião e os que se dizem ateus que ainda não temos uma precisão, e as manifestações religiosas ou não ocorrem conforme situações específicas de cada realidade, de cada cultura, de cada pessoa. Para Libanio (*Perspectiva Teológica, 2002b*), se por um lado houve no passado os profetas da morte da religião, no presente constatamos o "pipocar" religioso:

De todo esse embate, o que sobrou no momento atual? O que se passa com esse sujeito pós-moderno, que mistura ateísmo com religião, conjuga fé com superstição, goza hedonisticamente do gosto místico do transcendente, deixa os sociólogos da religião desarmados, ilude muitos corifeus eclesiais com uma frequência religiosa massiva? Tudo convergia para o silêncio da religião (...) E agora, a realidade político-social parece inverter a inversão. Na crise, campeia a religião. (LIBANIO, 2002b, p. 63-64)

As questões religiosas nos ingressam no mundo da paixão e ao mesmo tempo da indiferença, da comunidade e do individualismo, do querer ser religioso e do não ser religioso, da vida e da morte, da inclusão e da exclusão, da paz e do conflito, do amor e do ódio. De

pares que nos levam a olhar com consideração para este fenômeno mundial tão presente no mundo do século XXI, vivenciando um universo simbólico.

2. Iniciando com o simbolismo

O termo símbolo, de origem grega, designa elementos representativos a partir de uma determinada realidade ou imaginário ou ainda do imaginário no âmbito das várias realidades que condicionam nossas sensações e atitudes. Para Eliade, os símbolos “preservam e transmitem os paradigmas, os modelos exemplares, para todas as atividades responsáveis a que o homem se dedica. Em razão desses modelos paradigmáticos, revelados ao homem em tempos míticos, o Cosmo e a sociedade são regeneradas de maneira periódica” (ELIADE,1992, p. 9).

Assim, os símbolos podem ser compreendidos e analisados como uma representação visível em um determinado lugar, pessoas ou objetos, mas também dentro de uma representação invisível, podendo ser ideias, teorias, categorias, conceitos, pensamentos, pedidos de uma determinada quantidade ou qualidade de vida no cerne das relações sociais ou expressões religiosas.

Não se pode negar jamais que as relações e expressões sociais religiosas não compõem o quadro da realidade na qual estamos inseridos ou seremos inseridos. Realidade, termo latino equivalente a coisa, em outras palavras seria “tudo o que existe ou é”. É um termo acessível e bastante empregado pelas Ciências (Filosofia, Sociologia, Geografia, História, Ciências da Saúde etc) ou qualquer outro sistema de compreensão – e ou análise como, por exemplo, o conhecimento popular (ajuste que fazemos entre a imagem e a ideia da coisa, sendo uma maneira de perceber e ver uma determinada realidade).

Dentro dessa lógica, imaginário — pensamento e ideia — é uma forma de realidade, no sentido que construímos algo (desenho ou desenhar a partir do psiquismo). A ilusão é algo tangenciado nas esferas mentais ontologicamente, mas não se pode negar que é um existir enquanto um pensamento, mesmo que seja uma fantasia qualquer; seria o mundo das ideias, a realidade interna do ser (HEIDEGGER, 2001). No cerne do problema está presente a questão dos símbolos, como a interpretação e a representação sensível dos objetos e das ideias, hermenêutica mental – o imaginário construído nos tecidos das relações sociais e históricas.

A história da religião torna-se relevante a partir dos estudos sobre os elementos simbólicos (como os mitos e os rituais) alinhados à investigação filosófica, antropológica e arqueológica no âmbito dos estudos referentes às estruturas e dos funcionamentos do pensamento simbólico (ELIADE, 2007, p. 20). Proposição reflexiva que procurar inflamar o estudioso da religião a compreender os canais e os instrumentos conceituais indicados para a distinção e, concomitantemente, aproximações entre as concepções sobre sagrado e profano. Sendo uma discussão sobre mitos, místicas, rituais, símbolos, tempos e espaços sagrados e hierofanias responsável por questionamentos: o que é religião e, em que medida se pode falar em história das religiões? São questões que sinalizam para uma introdução sobre a morfologia e o funcionamento das religiões formatadas e reformatadas pelas religiões ao longo das configurações e reconfigurações do nosso contexto histórico. São aspectos intimamente relacionados às diversidades dos círculos culturais emergentes.

Libanio, no seu livro *A Religião no Início do Milênio*, citando Eliade, nos diz:

A religião assume função totalizante, em que indivíduo e sociedade estão plenamente inseridos numa ordem em que a matriz natureza predomina. O sagrado arvora-se em categoria englobante a partir da qual tudo se entende. Marca sua distância do “pro+fano” (diante do

sagrado, portanto profano se define a partir do sagrado). Sacraliza-se uma série de cultos, tabus, ritos, mitos, gestas, danças, jogos, objetos, carrancas, fetiches, amuletos, despachos, mandingas, símbolos, cosmogonias, teologúmenos, pessoas, animais, plantas, lugares, superstições, magias etc (LIBANIO, 2002a, p.116)

Daí que a religião acaba penetrando em “todas as esferas da existência” (LIBANIO, 2002a, p.116) e o ser humano inserido nos seus aspectos pessoais, políticos, econômicos, sociais acaba levando para o mundo religioso sua própria maneira de ser e compreender, a partir do lugar em que está inserido e sua carga de experiência de vida com todo o seu universo simbólico. Para Lecompte, “o desejo de salvação, a aspiração a uma relação interpessoal e a uma consideração existencial são realidades viscerais no coração do ser humano” (LECOMPTE, 2000, p. 199)

O pensamento de Rudolf Otto influenciou o posicionamento intelectual de Eliade. Para Otto, “o numinoso vive em todas as religiões” (OTTO, 2007, p. 6). Nas palavras deste autor, numinoso seria a essência das experiências e das manifestações religiosas, e sem ele a religião perderia seu caráter (p. 12).

A perspectiva do pensamento de Otto está em compreender as características dos elementos não-rationais em contraponto ao racional no universo religioso. O propósito de estudo dele está em observar a oposição do racionalismo frente ao puro sentimento e a existência e resistência do não-rationais diante da racionalidade, pois “o sentimento é tudo, o nome é nada” (OTTO, 2007, p. 7). Para Otto é impossível realizar um estudo sobre religião na medida em que “é impossível conversar sobre religião com tal homem” (p. 13). Assim, a reflexão entre as formas elementares da vida religiosa (segundo Durkheim) torna-se estritamente difícil, já que o homem natural não compreende “nada” sobre religião.

Essa predisposição de Eliade substanciada teoricamente por Otto vai de encontro aos estudos sobre símbolos. Segundo Eliade, as hierofanias auto-revelam as dimensões filosóficas, antropológicas,

psicológicas e históricas dos símbolos, na medida em os próprios símbolos “vêm de longe: eles fazem parte do ser humano, e é impossível não os reencontrar em qualquer situação existencial do homem no cosmos” (ELIADE, 1991, p. 21). Como posição intermediária em relação a Otto, Eliade recomenda que, para se compreender os símbolos, não deve deixar em hipótese alguma de considerar as várias dimensões da (s) realidade (s) e do (s) imaginário (s) simultaneamente.

3. Considerações finais: Entrelaçamento ou distanciamento

Considerando as questões existenciais do ser humano e lançando o simbolismo desta existência nas manifestações religiosas, vamos perceber as várias práticas de religiosidade conjugadas ou não com a fé e a religião.

Libanio, citando o Censo do IBGE de 1991-1995, nos diz que surgiram no Brasil em torno de 4 mil novas denominações religiosas entre 1990 e 1992; e que surgiram no Estado do Rio de Janeiro cerca de 627 novas igrejas, “numa média de cinco novas igrejas por semana, uma por dia útil. A imensa maioria são pentecostais (91,27%)” (LIBANIO, 2002a, p. 24). Isto já demonstra uma certa crise, que poderíamos traduzir por entrelaçamento ou distanciamento dos conceitos de fé e religião, e até mesmo numa crítica mais veemente do distanciamento de Deus.

D’Andrea, no seu livro *O self perfeito e a nova era*, nos diz que:

Torna-se possível supor, portanto, que uma nova espiritualidade se esteja configurando nessa virada de milênio, percebida pelo sociólogo norte-americano Robert Bellah como uma “nova consciência religiosa” (1986, 1979) ou, nos termos do antropólogo britânico Paul Heelas, como uma “espiritualidade sem compromisso religioso” (1993, p. 107). (D’ANDREA, 2000, p. 20)

Para Libânio, há uma interrelação entre o que o teólogo chama de três realidades: Fé, religião e "religiosidades" (LIBANIO, 2002a, p. 87-109). Para se ter uma prática de fé, deve-se partir de três pilares: 1. Crer na palavra divina que é revelada (Sagrada Escritura); 2. Exigência de conversão; 3. Compromisso social do crer no Evangelho. Já para se ter uma prática de uma *religião* é fundamental ter também três pilares: 1. Seguir a Instituição; 2. Seguir a tradição; 3. Estar inserido numa comunidade de fé. Por complementação destas duas realidades vem a terceira que está no plural devido às vastas manifestações e surgimentos das mesmas, as *espiritualidades* que corroboram com a "*Satisfação pessoal*"¹.

Lecompte no seu preâmbulo afirma que "um exame dos fenômenos espirituais não poderia ignorar o maremoto de descrença que marcou as décadas anteriores" (LECOMPTE, 2000, p. 11), ou seja, depois de um mundo de ideias contra a religião, de vaticinarem a "morte de Deus", a resposta veio de contra o que se esperava: uma avalanche de religiões.

Como respostas a esta avalanche de "religiosidades", Libanio nos aponta para várias pistas dentre elas nos diz que "Os psicólogos preferem trabalhar com a "falta", carência (...) Imaginem um magote de sedentos diante de uma fonte cristalina! Com que ferocidade correrão para saciar-se". (LIBANIO, 2002b, p. 68). Nosso teólogo nos fala ainda que

As ofertas visam a satisfazer a dimensão de espiritualidade, de religiosidade presente no interior das pessoas. Esbarra-se numa realidade última, no mistério de muitos nomes.

Há buscas mais superficiais eu não implicam um encontro real com a Transcendência. Busca-se um clima de consolo, de reconhecimento, de acolhida que os ritos ou celebrações geram (...). A vida torna-se assim mais suportável e prazerosa. (LIBANIO, 2002b, p. 81)

Na perspectiva de examinar o fenômeno religioso histórico, Eliade tece análise quanto aos conceitos como nostalgia,

¹ Estas reflexões se baseiam em anotações feitas em sala de aula a partir da apostila dada por Libanio.

imagem, imaginário, em resposta aos estudos freudianos relacionados às discussões sobre símbolos. A linguagem brutal de Freud e de seus seguidores não passa de um mal entendido quanto à questão dos estudos relativos aos símbolos, na medida em que

A atração que sente o menino por sua mãe e se corolário, o complexo de Édipo, só “chocam” quando traduzidos tais quais, em vez de serem apresentados, como se deve fazer, enquanto imagens. Pois é a imagem da Mãe que é verdadeira, e não a dessa ou daquela mãe, hic et nunc, como queria Freud. É a Imagem da Mãe que revela — e apenas ela pode revelar — sua realidade e suas funções ao mesmo tempo cosmológicas, antropológicas e psicológicas” (ELIADE, 1991, p. 10-11).

A partir das esferas cosmológicas (nostalgia), antropológicas e psicológicas (imagens e imaginário) é que a “atualização de um símbolo não é mecânica: ela está relacionada às tensões da vida social, e em último lugar aos ritmos cósmicos” (ELIADE, 1991, p. 21).

Diante de muitos estudos sobre estas “três realidades” (fé, religião e “religiosidades”), podemos perceber que, de acordo com a relação do teólogo Libanio, o entrelaçamento destas três realidades aponta para um compromisso social, um seguimento à Tradição e Tradição aqui entendida não só como o Magistério da Igreja, mas ampliando para a produção dos Teólogos, as liturgias inculturadas, o “*sensus fidelium*”, o agir de Cristo e dos primeiros cristãos com a Palavra Revelada e Reinterpretada. Assim, podemos positivamente atualizar as “espiritualidades” presentes no mundo ou como diz Libanio, “Evangelizar” as religiões das necessidades, dos milagres, dos consolos (LIBANIO, 2002b, p.86) e realmente ter uma experiência de um Deus Vivo. Caso contrário, teremos mais uma vertente, no caso, uma vertente pós-moderna, do que os filósofos do pessimismo ou suspeita (Marx, Freud, Nietzsche e Feuerbach) e dos teólogos da morte de Deus anunciaram no passado, só que com características próprias do presente, negando-se a positividade de

uma esperança por dias melhores, aí sim poderemos correr o risco do distanciamento destas três realidades e não o entrelaçamento das mesmas.

REFERÊNCIAS

D'ANDREA, A.A.F. *O self perfeito e a nova era*. Individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais. São Paulo: Loyola, 2000.

ELIADE, M. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. Tradução de Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *O mito do eterno retorno*. Tradução de José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

_____. *Tratado de historia de las religiones*. Tradução de Tomás Segovia. México: Era, 2007.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Tradução de Márcia Sa Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

OTTO, R. *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Tradução de Walter O. Schlupp. Petrópolis: Vozes, 2007.

LECOMPTE, D. *Do ateísmo ao retorno da religião*. Sempre Deus? São Paulo: Loyola, 2000.

LIBANIO, J.B. *A Religião no Início do Milênio*. São Paulo: Loyola, 2002a.

_____. O paradoxo do fenômeno religioso. *Perspectiva Teológica*. Ano XXXIV n. 92, Jan/Abril 2002b, p. 63-88.

_____. *Fé e Contemporaneidade*. Apostila dada no curso de pós-graduação em Agosto de 2012.

VALADIER, PAUL. *Crise da racionalidade, crise da religião*. Minicurso oferecido na FAJE, Belo Horizonte: 25 e 26 de Setembro de 2012.